

# CONSTRUINDO PONTES: A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO NA SALA DE AULA PARA O ESTÍMULO À LEITURA

BUILDING BRIDGES: THE IMPORTANCE OF THE DIALOGUE AT THE CLASSROOM IN ORDER TO STIMULATE THE READING

*Fernanda da Cunha Correia<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie com bolsa CAPES-PROEX. E-mail: fernandaccorreia@gmail.com

---

---

**RESUMO:** O ensino de literatura ainda tem priorizado a leitura do cânone a partir da fortuna crítica estabelecida sobre as obras sem levar em consideração dificuldades enfrentadas pelo aluno atual ao trabalhar com esse tipo de texto. A partir das ideias de Paulo Freire, Antonio Candido e Leyla Perrone-Moisés o presente artigo discute a respeito da educação e do ensino de literatura e aponta algumas formas de estímulo à leitura para alunos do Ensino Médio. Considerando-se o posicionamento dos referidos autores nos quais esse estudo se baseia, percebe-se que o papel do professor está em, para além de transmitir seu conhecimento, oferecer os meios para que o estudante possa adquirir suas próprias ferramentas de análise e interpretação e ter independência para compreender qualquer texto literário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Ensino; Diálogo; Cânone literário; Literatura infantil e juvenil

**ABSTRACT:** The teaching of literature prioritizes the studying of the literary canon from the point of view of the specialize critics without paying attention on the difficulties faced by the students of nowadays when they read the classics. The teacher's role resides in give the means of analysis to the students, so they can get their own tools for their reviews and interpretations of the narratives they can find in their lives, besides relaying their knowledge to the young.

**KEYWORDS:** Literature; Education; Dialogue; Western canon; YA books

No romance *Fausto*, clássico da literatura mundial do alemão Johann Wolfgang von Goethe, o protagonista encontra um cão, sem ter ciência de que esse era Mefistófeles, o próprio demônio com quem fará um pacto em seguida. Doutor Fausto considera a possibilidade de levar o cão para seu quarto de estudos, uma vez que esta não seria tão diferente de lidar com seus alunos: “Pois tens razão; vejo-o de todo isento/De espírito e é tudo adestramento.” (GOETHE, 2017, p. 108). Acostumado a apresentar conhecimento sem ser questionado, o acadêmico vê semelhanças entre alunos e cão porque ambos devem ser condicionados, sem que exista uma reação por parte dos aprendizes.

Escrita no século XVIII, a tragédia do Doutor Fausto retrata, entre outros motivos, as relações acadêmicas e a busca por conhecimento dos estudantes e intelectuais com o objetivo final de obter reconhecimento. Três séculos depois, ainda observamos os mesmos relacionamentos e comportamentos sendo repetidos nas salas de aula. A ideia de que o aluno é equivalente a um animal sem vontade própria, e, portanto, ensiná-lo seria o mesmo que adestrá-lo, não é muito distante do conceito de educação bancária que Paulo Freire (1994, p. 37) discute.

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão.

Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante.

Esta postura pode ser observada no ensino brasileiro como um todo mas, ao observarmos especificamente o Ensino Médio, o “depósito” de conteúdo se torna mais evidente. Uma vez que a preocupação, especialmente dos pais e coordenadores pedagógicos, é a de que os alunos sejam aprovados nos exames vestibulares, a educação deste período acaba sendo voltada especificamente para as provas de ingresso nas principais universidades. Assim, aborda-se o conteúdo exigido pelos testes e espera-se uma memorização destes ao invés de uma reflexão e uma verdadeira absorção das disciplinas ministradas.

Neste período do ensino tradicional, observa-se o ápice da estrutura bancária da educação mediante a utilização de apostilas licenciadas produzidas por cursos pré-vestibulares de renome, cujo objetivo não é tornar o conhecimento real e palpável, mas devidamente organizado para ser utilizado no exame e imediatamente esquecido. Músicas e fórmulas ajudam na memorização, sem que o aluno se veja capaz de ir além do que esses artifícios oferecem, não tendo uma postura crítica frente a esse aprendizado e sem realmente entender o que significa.

Quando falamos de literatura, a situação se complica, uma vez que as universidades geralmente selecionam algumas obras de relevância para serem abordadas em seus exames e as escolas concentram os esforços de professores e alunos na leitura destes textos e na apresentação de análises clássicas e reconhecidas. No sistema apostilado normalmente encontram-se também as obras resumidas, priorizando o que pode ser questionado na prova, sem considerar o entendimento do que é lido ou que possa ser uma apresentação para posterior leitura, com possíveis formas de abordar o texto clássico.

Não há questionamento a respeito da escolha, as escolas não têm espaço para debaterem as obras por si mesmas, muito menos debater a seleção delas. As comissões de vestibular se tornaram soberanas na definição e na canonização dos textos ao escolherem aquelas que serão exigidas para o ingresso no Ensino Superior. O tempo, que não é suficiente, uma vez que são três anos para a abordagem dos títulos, ainda pode ser prejudicado com a mudança das obras selecionadas enquanto o aluno cursa os anos do Ensino Médio.

Por isso mesmo, os próprios vestibulares evitam mudanças drásticas, já que escolas e cursos pré-vestibulares precisam se reorganizar para ministrar as aulas e produzir o material didático. Assim, muito raramente autores contemporâneos são selecionados, o que ocorre por diversas questões, entre elas a falta de material teórico para que as aulas sejam ministradas nos moldes comuns. Quando acontece, como o vestibular da Unicamp que selecionou *Sobrevivendo no Inferno* dos Racionais MCs, há uma grande polêmica envolvida e até mesmo protestos por conta da escolha (GREGORIO, 2018).

É importante observar que os principais afetados pela inovação, os estudantes,

receberam bem a mudança e tiveram facilidade em trabalhar com um texto que, de diferentes maneiras, é mais próximo de suas realidades e que pode ser consumido em diferentes mídias, como demonstra o relato: “Professora de literatura e redação no Cursinho da Poli, para alunos de baixa renda, Eva Albuquerque, 53, confirma a impressão [de agrado dos estudantes] e diz que o disco ‘enriquece até o estudo de Camões,’ pois ‘ajuda a compreender o ritmo dos versos.’” (Idem, 2018)

Mudanças como estas são normalmente acompanhadas de indignação e resistência por alguma das partes. No caso do vestibular da Unicamp, enquanto os alunos gostaram da alteração porque o texto fala diretamente com deles, alguns pais, ou apenas adultos fora do processo, questionaram a escolha, sem uma reflexão a respeito da escolha e da pouca variação das listas. Como ressalta Claudicélio R. Silva (2019, p. 21), todos os agentes envolvidos na educação tornam-se personagens da manutenção do ensino desta forma:

E qualquer desvio por parte dos professores, qualquer rota de fuga que leve a discussões polêmicas sobre o ser e o estar no mundo, provocam abalos. Parece que, quando deveria propor uma pedagogia da libertação, a escola prefere oferecer uma pedagogia que canta o coro da tradição, a fim de não correr riscos.

Assim, o ensino de literatura no Brasil fica restrito aos clássicos brasileiros e portugueses, com suas análises consagradas e interpretações reconhecidas, deixando de lado autores contemporâneos nacionais. Mais recentemente outros autores de língua portuguesa, em especial de origem africana, como Pepetela, passaram a fazer parte das leituras obrigatórias, sempre seguindo os moldes estabelecidos. Entretanto, não há um movimento para que haja alguma mudança nesta forma de ensinar literatura, nem na forma de cobrar o aprendizado:

Contentamo-nos com um currículo que não rompe com uma tradição; contentamo-nos com um ensino que privilegia, não o questionamento, mas as respostas; contentamo-nos, enfim, com um ensino que diz o que o aluno deve fazer e como deve fazer, mas não o orientamos a produzir conhecimento. (Idem, 2019, p. 21)

Por conta do modelo de prova de ingresso na universidade, priorizam-se as interpretações de grandes críticos sem que haja um estímulo para que o aluno construa a sua própria leitura. No modelo apostilado voltado ao vestibular, é preciso garantir que o estudante tenha alguma informação armazenada para provar que algo foi apreendido, mas isso não significa que aquilo foi absorvido. Tal situação torna as aulas de literatura restritas e, como ressalta Tzvetan Todorov (2019, p. 27), torna-se muito mais uma aula sobre os críticos e seus trabalhos do que sobre a obra literária em si e suas possibilidades.

A liberdade de interpretar e apresentar suas próprias construções de sentido faria com que o aprendizado passasse a ser dinâmico, dando um papel mais ativo ao aluno. Ao professor, caberia agir como moderador da discussão, norteando a leitura a partir de seus conhecimentos da obra e da fortuna crítica. Além de estimular o trabalho interpretativo do estudante, desta maneira mostra-se, de forma prática, porque um título tão distante da realidade atual é considerado relevante e revisitado constantemente, uma vez que:

Um clássico da literatura, para alguns críticos, é não tanto uma obra de valor imutável, e sim uma obra capaz de gerar novos significados ao longo do tempo. É, por assim dizer, um caso de amor que dura ao longo do tempo. Vai adquirindo interpretações diferentes à medida que evolui. (EAGLETON, 2019, p. 187)

Ajudar a transformar a leitura em um hábito e algo prazeroso pode se tornar complexo em um cenário com prazos e metas a serem cumpridas. Ainda assim, há alguns títulos que atraem o público jovem, tornando-se inclusive um nicho de mercado, a chamada literatura infantil e juvenil e a para jovens adultos, o que faz com que algumas pessoas defendam a adoção destas obras na escola. Sagas e livros seriados geralmente estão entre estes títulos que atraem essa parcela da população, tais como *Harry Potter*, *Percy Jackson*, *Jogos Vorazes* e *Crepúsculo*.

Jorge Luís Borges (2017, p. 103), falando de textos como os poemas de Charles Baudelaire, lembra que para a leitura de algumas obras é preciso que se tenha o olhar da juventude para apreciá-las, o que, em certa medida, pode-se estender a algumas

das leituras atuais para esse público. “Mas há outros escritores que se deve ler quando se é jovem, porque se a pessoa chega a eles quando está velha, grisalha e entrada em anos, essa leitura dificilmente pode ser prazerosa.”

Enquanto Northop Frye (2017, p. 89-90) ressalta que é preciso “errar” na escolha dos livros, para depois refiná-la, sendo preciso, antes de tudo, acostumar a criança e o jovem ao hábito de ler. Especialmente porque a partir da leitura desenvolve-se a capacidade imaginativa: “Acontece que as peças de Shakespeare não foram produzidas por sua experiência: foram produzidas por sua imaginação – e o melhor jeito de cultivar a imaginação é ler um bom livrinho ou dois.”

Muitas vezes, é preciso que o jovem tenha tido acesso a livros desde a mais tenra infância para adquirir o hábito da leitura. Mesmo antes de saber ler, que tenha tido contato com o objeto, podendo manipulá-lo à vontade, sem ser algo distante e inacessível que precise de autorização para ser tocado. A barreira é mais fácil de ser rompida caso o jovem venha de uma família leitora, acostumada a ter esse contato, mas essa não é a realidade da maioria dos estudantes brasileiros, mesmo de escolas particulares. No entanto, ter acesso não significa estímulo à leitura, geralmente é preciso uma figura que inicie o hábito da ler, indicando títulos, como a antropóloga Michèle Petit (2013, p. 24) ressalta:

Muitas vezes, nesses ambientes, as raras oportunidades de contato com os livros se deram na escola, e isso pode trazer más recordações, de fracasso ou de humilhação. Muitas pessoas se sentem incompetentes ou envergonhadas diante de um livro; têm a impressão de que esse privilégio pertence aos outros, aos que têm recursos.

Petit também lembra que a leitura é um processo solitário e ativo, no qual o leitor precisa trabalhar junto com o texto para interpretá-lo de acordo com as suas próprias chaves de leitura. Trata-se do contrário do que acontece no ensino tradicional, no qual o aluno é introduzido a uma obra ou a um autor por um caminho pré-estabelecido.

Não nos esqueçamos, o leitor não consome passivamente um texto, ele se apropria dele, o interpreta, deturpa seu sentido, desliza sua fantasia, seu desejo, suas angústias entre as linhas e as mescla com

as do autor. É aí, em toda essa atividade fantasmática, nesse trabalho psíquico, que o leitor se constrói. (PETIT, 2013, p. 27)

Frye também debate a importância de o leitor ter as experiências por conta própria. Inicialmente, ela será simples e ingênua, mas isso é natural para quem é jovem e está aprendendo a ler literatura. Até o mais rigoroso crítico começou lendo e apreciando determinadas leituras que, ao revisitá-las, reconsiderou sua posição:

Em toda experiência literária ocorrem dois tipos de resposta. Primeiro vem a experiência direta da própria obra, enquanto lemos um livro ou assistimos a uma peça, sobretudo da primeira vez – experiência acrítica, ou pré-crítica, e por isso não infalível: quando ela é muito limitada, podemos nos deixar seduzir ou empolgar por uma obra que mais tarde reconhecemos fajuta ou mesmo desonesta. Depois vem a resposta crítica e consciente que damos ao terminar o livro ou sair do teatro: comparamos a experiência com outras do mesmo tipo, e então formamos sobre ela um juízo de valor e proporcionalidade. Com a prática, aos poucos, nossas respostas críticas nos vão tornando as pré-críticas mais sensíveis e precisas – ou nos vai refinando o gosto, como se diz. (FRYE, 2017, p. 91-92)

Por isso mesmo, é preciso permitir que o jovem experimente e decida o tipo de literatura que mais lhe agrada. Algumas dessas obras têm apelo ao público por tratarem de temas e dilemas próprios da idade, como as primeiras paixões, problemas escolares e jovens sendo os protagonistas de suas próprias tramas. Elas são a porta de entrada para o gosto pela leitura que pode se desenvolver depois. Em muitos casos, o encanto delas está no simples fato de não serem obrigatórias. O estudante pode se aventurar por estes mundos sem se preocupar em memorizar detalhes e fazer observações que serão testadas posteriormente em uma avaliação.

Assim, não é possível defender que essas obras sejam adotadas na escola como leitura obrigatória. Primeiro por conta da agenda de vestibulares que engessa o cronograma de ensino de literatura. Segundo porque colocar esses títulos dentro do padrão de ensino bancário (FREIRE, 1994, p. 37) que temos é tirar o prazer que existe em ler os textos por diversão. Além de não haver estudos sobre as obras, justamente

por serem desconsideradas em sua maioria pela academia, que permitam embasar a análise padronizada da sala de aula.

Em alguns casos, quando há acesso a diversos tipos de obras, o Ensino Fundamental acaba oferecendo uma gama mais vasta de tipos de textos. Inclusive algumas dessas que são consideradas próprias para a idade, mas que não deixam de ter uma avaliação final que faz uma verificação de leitura e começa a engessar o pensamento. Da mesma forma, aquelas que já agradaram ao gosto dos estudantes devem servir como um ponto de partida para que então possam seguir para obras mais complexas, ao professor cabe auxiliar esta transição.

Oferecer ao aluno apenas aquilo que já consta em seu repertório é subestimar sua capacidade de ampliar seus conhecimentos e privá-lo de um bem a que ele tem direito. Ensinar é elevar progressivamente o nível dos alunos, alargar seus repertórios e aprimorar sua proficiência linguística. Cabe então, ao professor de literatura, escolher as obras que constarão em seus programas não em função de uma atualidade que pode ser apenas um modismo, mas em função das qualidades literárias da obra, passada ou recente. O tema não deve ser predominante na escolha, porque o que caracteriza a obra literária é o *como* e não o *quê*, sendo que a significação não está, nela, separada da forma. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 81)

O método educativo adotado também observa sempre o acerto, a correção, o ponto que será contado a favor. Quando falamos de análise literária não há certo ou errado, mas interpretações possíveis e impossíveis. Não é aceitável, por exemplo, considerar a obra de Machado de Assis como uma crítica ao apartheid sul africano porque a obra foi escrita anos antes de tal situação e, mais importante, no Brasil. Mas podemos encontrar críticas à situação do negro liberto no Brasil do século XIX. Interpretações possíveis ou não possíveis que devem ser demonstradas aos alunos a partir do próprio texto e não de um gabarito.

O ideal seria, ao invés de entregar ao aluno análises prontas e pré-concebidas das obras estudadas, apresentar a ele as ferramentas de análise e as formas de abordagem de um texto literário. O papel do professor é ajudar a traduzir as teorias, muitas vezes complexas, para os alunos e estimulá-los a fazer suas análises particulares. Isso

permitirá que, como leitores, eles possam encontrar suas próprias chaves de leitura a serem adaptadas com o tempo, conforme leem mais e adquirem mais referencial cultural para suas interpretações.

Assim, ele pode, por conta própria, encontrar os subtextos existentes nos grandes clássicos da literatura e nos livros que lê por diversão. Mais importante, com isso ele se torna independente para avaliar se uma leitura é pertinente ou não, se ela acrescentará algo ou é passatempo, sem precisar ser tutorado, com alguém indicando o que é “bom” ou “ruim” e, por consequência, com menos possibilidades de ser enganado. Como afirma Antonio Candido (2019, p. 84):

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.

Do lado do professor, enquanto um moderador de leitura, ele fornece um ambiente acolhedor, no qual os jovens se sentem confortáveis para expor as visões particulares das obras que leram, principalmente se não tiverem gostado. A partir disso, o professor pode auxiliar a encontrar uma nova entrada no texto ou uma visão diferente. Alguns dos clássicos presentes nas listas de vestibular são considerados “chatos” porque o vocabulário é inacessível para o aluno, o professor pode facilitar essa leitura com um vocabulário ou estimulando o uso de dicionários.

Em paralelo a essas leituras, estar a par do que está sendo consumido pelos estudantes também é interessante. Não se pode exigir que o professor leia e conheça a fundo toda obra publicada e destinada ao público para o qual leciona, mas em uma conversa com os alunos é possível saber e entender o que está sendo lido. Por isso mesmo, como explica Paulo Freire, é preciso que haja um diálogo, com o professor mostrando, quando for o caso, que também desconhece ou não acompanha um assunto.

Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em quem não reconheço outros eu? (FREIRE, 1994, p. 51)

A troca que idealmente deveria ocorrer na sala de aula, permite ao professor identificar o que seus alunos estão lendo e, conhecendo as obras, auxiliá-los a fazerem pontes que facilitem o entendimento das “leituras obrigatórias”. Ouvir o que o aluno está lendo e o que ele tem a dizer a respeito dessa leitura, conecta a visão do professor com a do aluno, principalmente porque: “Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa.” (FREIRE, 1994, p. 55)

Por exemplo, a série *Percy Jackson* traz adolescentes como protagonistas. Os jovens apresentam dislexia e problemas de atenção que fazem com que sejam alunos no máximo medianos. Ao completarem onze anos, eles descobrem que isso ocorre porque eles são semideuses, tais como Aquiles e Helena, filhos das personagens da mitologia grega, mas no mundo atual. A partir da trama aventureira adolescente, os jovens são apresentados ao panteão grego, o que pode facilitar o entendimento de diversas referências presentes na literatura clássica, de Camões a Fernando Pessoa.

Da mesma forma, outras mídias que também possuem narrativas, como séries e videogames, podem facilitar o processo e aproximar o clássico aparentemente confuso do jovem hiperconectado. A mediação facilita a percepção de que, apesar de serem mídias muito distintas, a maneira de contar histórias se mantém ou que podem ser histórias iguais contadas de jeitos diferentes. O professor, como mediador, ao estimular o debate e o diálogo, permite que seja feita uma ponte entre o conhecimento acadêmico e literário, muitas vezes tão distante do aluno, e as referências populares da idade.

É comum ouvir em conversas reclamações de que os jovens não leem ou não se interessam por livros. No entanto, a última pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, que é atualizada a cada quatro anos e deve receber uma nova versão em 2020, mostra que a faixa etária que mais lê é justamente a de 11 a 13 anos, mas com o passar da idade o índice de leitura diminui (SOMBINI, 2019). A parcela mais velha da população chega a se declarar como “não leitora”.

Na reportagem (SOMBINI, 2019) a respeito da divulgação dos dados da pesquisa, o professor João Luís Ceccantini, da Unesp, comenta porque a redução índices de leitura:

Ceccantini argumenta que há uma cultura escolar estabelecida de incentivo à leitura nos primeiros anos do ensino fundamental, mas que a partir do 6º ano as aulas de português costumam se tornar mais teóricas e distantes dos interesses dos alunos.

(...)

Para ele, a escola ignora o que os estudantes gostam de ler, como best-sellers, prejudicando sua formação autônoma. “Nunca vou ser contra a leitura de obras canônicas, mas há um divórcio muito grande entre cultura de massa e cultura erudita. Quanto mais você afastar o cânone e aproveitar o imaginário da criança e do jovem para estabelecer pontes com a cultura erudita, melhor.”

A constatação não é diferente da que é feita por Todorov (2019, p. 82), na qual o ensaísta diz que não se deve julgar a escolha por literaturas que são consideradas menores pelos críticos, mas instigar a leitura crítica feita pelo próprio jovem, assim ele vai criando ferramentas próprias para avaliar suas futuras leituras e reavaliar as passadas.

Da mesma forma que Michèle Petit (2013, p. 38) comenta a necessidade de liberdade e, talvez mais importante, espaço para fazer escolhas que depois o próprio leitor possa julgar erradas, sem que haja cobranças ou julgamentos:

A cultura é algo que se furta, que se rouba, algo de que a pessoa se apropria e que se transforma a seu modo. E a leitura é um gesto muitas vezes discreto, que passa de um sujeito a outro, que não se ajusta bem a uma programação. Se tentarmos capturar os leitores com redes, receio que levantem voo para outros prazeres.

Assim, podemos dizer que o problema não é a imposição de um cânone literário, que muitas vezes pode parecer distante e assustar o leitor jovem, nem tampouco a permissão de leituras tidas como menores pelos críticos literários como *Harry Potter*. O que dificulta a familiaridade do jovem com a leitura não são as obras literárias, mas o sistema educacional que Paulo Freire chamou de “bancário”.

Enquanto o ensino de literatura priorizar o debate da crítica das obras estudadas e a memorização de detalhes dos enredos das obras, focando em erros e acertos com o único objetivo de ser aprovado ao fim do calendário escolar ou no exame vestibular, dificilmente teremos o desenvolvimento do hábito da leitura. A obra literária em sua essência permite múltiplas interpretações, abordagens por diversos vieses, sem existir um certo ou um errado, mas o que é possível extrair da obra.

O ensino bancário, com mero depósito de conhecimento, não permite que o estudante tenha uma postura ativa diante dos textos abordados na escola. Ele não é estimulado a decifrar os grandes autores por suas próprias chaves ou, quando necessário, procurar novas chaves de leitura que possibilitem a interpretação. Sem ser acostumado a esse tipo de postura diante de um texto, não é possível cobrar leitura crítica quando lê literatura por fruição.

Por isso, a figura do professor é de extrema importância no estímulo ao hábito de ler. Apesar da necessidade de seguir cronogramas e manter a leitura do vestibular em dia, é quando o profissional não age como depositário, mas como moderador, que o aluno consegue se conectar ao tema e ao texto. O professor tem a árdua tarefa de traduzir o conhecimento adquirido na Universidade, principalmente de crítica literária, para o Ensino Fundamental e Médio. Ele precisa mostrar como é feita a análise literária sem utilizar termos específicos da área e teorias complexas.

Principalmente, o professor não pode agir com preconceito em relação ao que seus alunos leem, mesmo que seja o mais recente *best-seller* transformado em filme de Hollywood. Como moderador, ele precisa ouvir o que o jovem tem a dizer sobre a obra para entender o que atraiu a atenção do estudante e servir de guia para que o próprio leitor faça uma leitura ativa e criteriosa. Ao permitir o diálogo e a troca, o professor demonstra que a construção da interpretação também se faz no debate de diferentes pontos de vista. Com isso, o aluno não se fecha aos clássicos com os quais sente dificuldade de compreender e não se prende aos livros que “deve” ler escondido para que não haja julgamento.

Quando o aluno sente segurança de expor sua leitura e sua interpretação, sem medo de ter sua fala tida como errada diante de seus colegas, ele passa a construir o conhecimento em conjunto ao professor e aos outros estudantes, também leito-

res. Conhecendo o repertório de sua classe, o professor-moderador pode ajudar a criar pontes entre os clássicos obrigatórios e as narrativas consumidas em diferentes mídias como entretenimento. Alguns temas e motivos são recorrentes e podem ser encontrados desde o início da humanidade até os dias atuais, reconhecê-los traz familiaridade aos textos.

Encerramos com a discussão de Petit (2013, p. 29) a respeito do lugar-comum que mencionamos anteriormente: “os jovens de hoje não leem”. A antropóloga ressalta que talvez o maior problema seja a abordagem da questão da leitura, uma vez que a obrigatoriedade e a necessidade confirmação de leitura posterior a partir de avaliações não colaboram para o estímulo da leitura.

Enfim, a leitura é algo que nos escapa. A vocês, editores ou mediadores; a mim, como pesquisadora. Aos professores, aos bibliotecários, aos pais, aos políticos. E inclusive aos leitores. O que podem fazer os mediadores de livros é, certamente, levar as crianças — e os adultos — a uma maior familiaridade, uma maior naturalidade na abordagem dos textos escritos. Transmitir suas paixões, suas curiosidades, e questionar sua profissão, e sua própria relação com os livros, sem ignorar seus medos. Dar às crianças e aos adolescentes a ideia de que entre todas essas obras, de hoje ou de ontem, daqui ou de outro lugar, existirão certamente algumas que saberão lhes dizer algo em particular. Propor aos leitores múltiplas ocasiões de encontros inéditos, imprevisíveis, onde o acaso tenha sua parte, esse acaso que às vezes faz as coisas tão bem. Onde também a transgressão encontrará seu lugar. Se tantos leitores e leitoras leem à noite, ainda hoje, se ler é muitas vezes um gesto das sombras, não é apenas por uma questão de culpabilidade: eles criam assim um espaço de intimidade, um jardim preservado dos olhares. Leem nas bordas, nas margens da vida, nos limites do mundo. E não deixam de nos surpreender.

O ato de ler é muito mais complexo do que o sistema de ensino atual, bancário e vertical, é capaz de abordar. Assim, os professores acabam por transformar em atividades extras a alunos que demonstram interesse, algo que poderia ser proveitoso para mais estudantes, o que, por sua vez, deveria ser uma aula comum. No entanto, os alunos que não conseguem, ou julgam não conseguir, entrar nos textos literários,

sejam os obrigatórios ou outros, acabam não desenvolvendo ferramentas de leitura e se tornam adultos que julgam que a leitura não é para eles. Há muita literatura e acesso a ela na escola, mas a forma de ensino mais afasta do que estimula o hábito de ler.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ensino de literatura é muito mais complexo do que o apresentado no sistema de ensino atual. Um método bancário e verticalizado que apresenta cronologicamente uma série de textos literários que formam o cânone, mas que muitas vezes são vistos apenas pelo olhar de seus críticos ou resumos de apostilas sem que o estudante tenha contato com o texto original. Além da crítica e da academia, o que mantém o cânone é o sistema de exames vestibulares para o ingresso no Ensino Superior, cuja seleção de obras em língua portuguesa define o que será lido no Ensino Médio.

No entanto, a literatura e o ato de ler não são matérias que possam ser ensinadas, elas devem ser adquiridas e desenvolvidas ao longo da vida. Ao determinarmos que um livro é complexo ou inadequado e deixamos claro que o jovem não deve se aproximar, deixamos claro que há um tipo de obra inalcançável, o que é capaz de afastá-lo de todas as outras disponíveis. Quando alguém com mais referências questiona a leitura frívola dos adolescentes também estabelece uma distância entre os dois saberes e impõe obstáculos que parecem intransponíveis.

Assim, apesar do sistema de ensino dificultar uma ação independente, o professor de literatura deve assumir uma posição de mediador do conhecimento. Ao invés de apresentar suas leituras e todas as técnicas analíticas aprendidas na faculdade aos seus alunos, é necessário estabelecer um diálogo e compreender quais são as referências e as ferramentas de abordagem textuais que estes jovens possuem. A partir disso, o professor pode facilitar correlações entre outras narrativas e as leituras obrigatórias, permitindo que o estudante entenda o processo e possa fazê-las novamente sozinho.

O mais importante é tratar o jovem aluno como um indivíduo com gostos e experiências diferentes que podem ser aproveitados de diversas formas. Além de permitir que ele tente a aproximação dos textos canônicos sozinho e que não te-

nam vergonha de deixar claro quais as dificuldades encontradas, uma vez que não há leituras erradas, apenas leituras possíveis ou impossíveis.

## REFERÊNCIAS

- BORGES, Jorge Luis. *Esse ofício do verso*. Organização de Calin-Andrei Mihailescu. Tradução de José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2019.
- EAGLETON, Terry. *Como ler literatura*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FRYE, Northrop. *A imaginação educada*. Tradução de Adriel Teixeira, Bruno Gerai-dine e Cristiano Gomes. Campinas: Vide Editorial, 2017
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto: uma tragédia – primeira parte*. Trad. Jenny Klabin Segall. São Paulo, 34, 2017.
- GREGORIO, Rafael. Obra-prima dos Racionais MC's, 'Sobrevivendo no Inferno' vira livro após ser exigido em vestibular. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 16 nov. 2018, Ilustrada. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/11/obra-prima-dos-rationais-mcs-sobrevivendo-no-inferno-vira-livro-apos-ser-exigido-em-vestibular.shtml>> Acesso em 7 jun. 2020.
- MEYER, Stephenie. *Crepúsculo*. Tradução Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.
- PERRONE-MOISÉS, L. O ensino da literatura. In: *Mutações da literatura no séc. XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.
- RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RIORDAN, Rick. *Percy Jackson e os olímpianos: o ladrão de raios*. Tradução Ricardo Gouveia. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- ROWLING, J.K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Tradução de Lia Wyler Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- SILVA, Claudicélio R. Da literatura como travessia: é possível ensinar literatura?. In: LEURQUIN, E. e COUTINHO, F. *Literatura e ensino*. Campinas: Mercado das Letras, 2019.
- SOMBINI, Eduardo. Jovens leem mais no Brasil, mas hábito de leitura diminui com a

idade. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 28 set. 2019, 3º Seminário Economia Da Arte.  
Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/09/jovens-leem-mais-no-brasil-mas-habito-de-leitura-diminui-com-a-idade.shtml>> Acesso em 7 jun. 2020.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2019.